

COLEÇÃO GRANDES POETAS DO BRASIL

POESIAS COMPLETAS DE
B. LOPES



I

CROMOS-PIZZICATOS
D^a CARMEN

ZELIO VALVERDE

COLEÇÃO "GRANDES POETAS DO BRASIL"

POESIAS COMPLETAS

DE

B. LOPES

I

C R O M O S
P I Z Z I C A T O S
D O N A C A R M E N

Com um estudo de Andrade Muricy



LIVRARIA EDITORA ZELIO VALVERDE
Travessa do Ouvidor, 27 — Caixa Postal 2956

RIO — 1945

a
ria!
de
ção
us
os.
ue
foi
ar
e

CROMOS

A minha musa, a minha pobre musa,
De riso à boca e flôres na cabeça,
Morena virgem, rústica e travêssa,
Que um vestidinho dos mais simples usa,

A noiva alegre de um rapaz de blusa,
Que talvez muita gente não conheça,
De riso à boca e flôres na cabeça
Vem visitar-vos, tímida e confusa.

Não lhe aumenteis o rúbido embaraço,
Levando-a ao vosso lado e pelo braço
Com requintes fidalgos de condessa;

Filha do campo, distinções recusa
A minha musa, a minha pobre musa
De riso à boca e flôres na cabeça!

O sol, príncipe aéreo
De olhar de fogo, o ensangüentado mouro,
Descança por detrás daqueles montes,
Que recortam violáceos horizontes,
E dorme entre o lençol de nuvens de ouro
No seu leito sidéreo:
São horas... descansemos.
Conhece-me, senhora? Conversemos
Neste quieto recinto,
Em que um perfume delicado sinto...

Eu sou o filho agreste das montanhas,
Pastor, talvez, de solidões estranhas!
O camponês que habita a serra oblonga,
Louçã e prazenteira,
Onde, pousada ao ramo da fruteira,
Em horas de verão,
Como ferro a bater grita a araponga,
Repercutindo os ecos no sertão,
E o buriti serrano

Aos ventos do deserto enlaça as franças
Quando, estrídulo, clama algum tucano
Em sangüíneas manhãs, frescas e puras
Como o riso argentino das crianças
Que brincam pela estrada...
Terra que, nas planuras,
— Quando não há noctívago planeta,
Silente a aldeia, e longe, pelos campos,
Não passeia a toada
De uma amorosa e linda cançoneta —
Bruxoleia, às escuras,
A lamparina azul dos pirilampos,

Nos virentes cafés
 De alguma encantadora e mansa plaga
 — Quando o coqueiro inclina o loiro cacho —
 Nas águas do riacho
 Que marulha na grotta e o campo alaga,
 Banho-me todo, da cabeça aos pés.
 E como o marinheiro, o bom grumete,
 Sáudoso ou descuidado,
 Encordoa a guitarra e canta à lua
 Os olhos da menina,
 Ao deslizar sereno da falua,
 Eu, ao pino, deitado
 Sôbre o fôfo tapete
 Da emurhecida relva da campina,
 Sob a copa amarela dos ipés
 Faço chorar as cordas do machete!

Sento-me, às vezes, no alcantil quebrado
 À margem de algum rio,
 Fugindo à calma, à sombra pitoresca
 De um festão debruçado
 Que entre flores se deita em desvario
 No leito mole da corrente fresca!
 Aí me assento triste e solitário
 Ouvindo o murmúrio
 Da corrente que desce em curso vário:
 Aqui, as claras águas
 Estendem-se dormentes
 Como o sonho gentil dos inocentes!
 Mais abaixo, despenham-se nas frágoas
 Em grandes borbotões;
 Furtam-se mais além... e ronca, e ronca
 Quando esbate, o cachão, na pedra bronca,
 Quebrando as solidões...
 E deixa após a espuma,

Que mais parece cerração de bruma!
Senhora, em forte estio
Amo, enlevado, o marulhar do rio.

Dias de primavera
Eu deixo-me ficar no campo, à espera
Que o astro-rei se esconda
Entre as cortinas rubras do poente,
A confundir um raio moribundo
No suspiro profundo
Que solta o mar; nas súplicas da onda
Que se estorce na praia,
Qual em mole coxim de alva cambraia
A odalisca gemente
Saúdosa do Sultão, que foge ao mundo!

Espero o sabiá
Que venha despedir-se em voz saudosa
Dessa tarde formosa,
No verde ramo da cheirosa ingá.
Todo o meu ser nesta hora se extasia
Mergulhado, tristonho, em cisma funda!
E, cheio de ternura,
Vejo a obra de Deus que me circunda.
Contemplo o encanto da ridente Flora
Neste céu de suavíssima poesia,
Onde passa de rosa a nuvem pura.
Minha alma se enamora
Até da flor singela das campinas
Que o encanto seu resume
No célico perfume
Derramado nas auras vespertinas.
E mais ao longe a juriti suspira...
Bem vejo: um flébil rôgo

De viúva na dor, que o companheiro
 Carpe, e o filhinho que se foi primeiro
 Na solitária e triste sucupira
 Lavrada pelo fogo.

E cá, se a noite é bela,
 Eu ponho-me a cismar
 Debruço ao peitoril de uma janela
 De guarida qualquer, amiga e franca...
 Que eu nada tenho: minha casa branca,
 Onde vivem meus pais, eu lá deixei-a,
 Dentro de um bosque, na pequena aldeia!
 E' bem pobre o meu lar:
 O chão — socalco, e telha vã — o teto;
 Roseiras nos moirões, flóreos matizes
 Alastrando o cercado, um campo lindo,
 Onde, a rir, meus irmãos brincam felizes;
 Ao fundo — um laranjal em flor se abrindo!.

Eis o quadro completo.
 ... Envolve-me o luar na frouxidão
 De sua luz bacenta,
 E a minha frente um raio acaricia,

Talvez que de poesia,
 Que a comoção minha alma experimenta.
 Então, senhora, eu sinto que é preciso
 Ao menos um sorriso
 De mulher, que dê vida à inspiração
 Do cantor infeliz, que mal suporta
 A dor de ver, tão cedo, a noiva morta!

I

Sou rapariga da aldeia;
Cercam-me os moços da moda,
— Zangões que giram à roda
De impenetrável colmeia.

Sou loira, simplória e — creia!
Luva ou chapéu me incomoda:
Corro nos campos, a tóda,
De chinelinhos sem meia.

Ando de flor ao cabelo,
Cruz e verônica ao seio,
E de vestido singelo;

Sou namorada de um moço,
Que anda na rua — êle é feio!
De cache-nez no pescoço.

II

Caíra o sol no horizonte!
A rapariga travêssa
Vai, de cântaro à cabeça,
Pelo caminho da fonte.

Fumega o rancho. Defronte
Azula-se a mata espêssa...
Antes, pois, que a noite desça,
Voam as aves ao monte.

Aponta Vésper, brilhante;
E o largo silêncio corta
Uma toada distante...

Irado, enxotando o galo,
Está um homem na porta
Dando ração ao cavalo.

III

Ontem, à porta sombria
De uma casinha fechada,
Bateu ligeira pancada
Mão que tremer parecia...

Ouvi... Dentro alguém gemia:
Era mulher desgraçada,
Uma visão desbotada
Quem no tugúrio vivia.

Transpus a porta, assustado...
Virgem Maria! De um lado
Onde essa mãe tresloucava,

Plácida, magra, amarela
Pelo reflexo da vela,
Uma criança expirava.

IV

Põe-se a merenda na mesa:
Um tósco móvel de pinho
Quer esconder a pobreza
Num guardanapo de linho.

Pouco pão, muita limpeza,
Um só talher; não há vinho!
Há de achar, porém, franqueza
Quem tiver fome em caminho.

“Sem cerimônia, patrício;
“Não repare na choupana,
Disse-me o tio Simplicio;

E a boa dona da casa
Trouxe-me um gole de cana
Em canequinha sem asa!

V

Entra o luar na varanda,
Iluminando lá dentro
Um grupo, que tem no centro
Uma anciã veneranda;

Três rapasitos, em tórno,
Vestidos de camisolo,
Loira menina no colo
Fazem do catre um adôrno.

E, para entreter os netos,
Conta a avòzinha uma história,
Que ouvem atentos e quietos;

Perto, a filha — o olhar caído,
Numa atitude simplória
Dá cafunés no marido.

VI

Foi à hora solene da alvorada
 Quando o pálido amante, sonolento,
 Resistindo às cadeias de um lamento,
 Deixou a alcova da mulher amada.

Insinua-se, vago, pela estrada,
 Pensativo, calado e a passo lento...
 Leva etérea visão no pensamento,
 Nem êle sente o frio da orvalhada!

E cantam, cantam lindos passarinhos
 À débil sombra, em selva buliçosa,
 Sôbre a beirada rústica dos ninhos!

Ergue-se tudo... E a dama voluptuosa
 Estende-se outra vez nos alvos linhos,
 E dorme, dorme, dorme, a preguiçosa!

VII

Quando o pai transpõe a entrada,
 De guarda-sol e de embrulho,
 Vem recebê-lo a criançada
 Com grande festa e barulho.

E nas bôcas impolutas
 Daquêles sonhos corpóreos
 O malandrim dos cartórios
 Coloca beijos e frutas.

E à mesa, em nuvens de fumo,
 Enquanto faz-se o resumo
 Das novidades, assombros!

Aquelas boas crianças,
— Bando gazil de aves mansas —
Trepam-lhe em cima dos ombros!

VIII

São três gárrulas meninas,
Aves do ninho saltando
Para soltarem num bando
Doces canções peregrinas...

Alam-se às plantas divinas
Risadas, de quando em quando,
Daquelas bôcas, lembrando
Três breves, rubras boninas.

Eu, que, matando esperanças,
Da mocidade nos trilhos
Perdi os risos joviais,

Sigo invejoso as crianças!
Que as alegrias dos filhos
São o tesouro dos pais!

IX

Amanhecera. O tropeiro
Passa, cantando, na estrada;
No seu casebre o roceiro
Prepara as foices e a enxada.

Ao rumor a luz casada
Enche de vida o terreiro;
Parecem bruma cerrada
As flôres, lá! do espinheiro...

Aspira-se o olor suave
Do bom café... Alto e grave
Bate o pilão nas cozinhas.

Há junto à horta uns barrancos,
Onde a mulher, de tamancos,
Distribue milho às galinhas.

X

Conversam ambos na sala
Juntos, sentados, em paz;
A moça, a rir quando fala,
Diz querer bem ao rapaz.

Replica o noivo, a mirá-la:
Dê-me um beijo, se é capaz...
Grave, de luto e sem gala
Olha-os a mãe por de trás.

E treme a luz, que não presta!
A sala, pobre e modesta,
Quase que lóbrega está...

Bôca aberta, mão no queixo,
Em caprichoso desleixo
Dorme Nhonhô no sofá.

XI

O sol raios de oiro espalha
Como um fidalgo vadio!
Perto do rancho de palha
Fechado, há pouco, e vazio,

Uma mulher com a toalha
De linho branco, alvadio,
Sôbre a cabeça grisalha,
Lava na beira do rio.

Fareja o cão; e ali perto,
Livre do sol, nos verdores,
Por umas frondes coberto,

Gordo, risonho e despido,
Com borboletas e flôres
Anda o filhinho entretido!

XII

No rancho a lenha se inflama;
Ao lado — posta uma esteira,
Onde crianças sem cama
Atiçam fogo à chaleira.

A rubra luz se derrama
Como um fuzil, de maneira
A deixar ver dêsse drama
A cena íntima inteira!

Chega-se a mãe aos pequenos
Com certo dó:

“... quando menos
Temos a graça de Deus...”

Ia o fogo amortecendo...
Deu-lhes a bênção, dizendo:
— Vamos dormir, filhos meus!

XIII

Na estaca de uma parede
 Dá pouca luz a candeia;
 Um homem, depois da ceia,
 Fuma, deitado na rede.

Do camponês rude, vêde!
 O pensamento vagueia...
 Chora num berço de aldeia
 O pequerrucho, com sêde.

“Maria! chama o pai, alto.
 (Ergue-se a filha, de um salto)
 “Anda ninar teu irmão...

E enquanto a moçoila canta,
 A mãe, trigueira, de manta,
 Debulha guandos, no chão.

XIV

Eis o casebre antigo dos dois velhos,
 Esposos camponeses, onde a filha
 De noite sôbre a mesa abre a cartilha,
 Ouvindo ao ancião veros conselhos.

Lança os olhos à mãe — castos espelhos,
 Môrno raio do amor que em sua alma brilha;
 Envolvendo-lhe o busto na mantilha,
 Adormecia a moça em seus joelhos.

Que de vêzes, oh! filha dêstes lares!
 Eu consolei-te os frívolos pesares,
 Nessa ternura múltipla de irmão!...

Eras cercada, enfim, de um zêlo terno,
Quando estávamos todos, pelo inverno,
Ao brazião cordial do teu fogão!

XV

Caiu a noite, erma e fria.
E aquela saleta, agora,
Caiada por dentro e fora,
A vela acesa alumia:

No antigo móvel de braços
Acha-se o pai recostado,
Para o filhinho pasmado
Lendo da Bíblia pedaços;

Na mesa, logo à direita,
Onde uma rosa desfeita
Perde o vigor na caneca,

De joelhos na cadeira,
Loira, branca, feiticeira
Brinca Nenê com a boneca.

XVI

A filha, pálida e loura,
Faz seu serão de costura:
Às vêzes pensa... ou procura
Dentro do cesto a tesoura.

Vive numa dobadoura
A singular criatura!
Ralha-lhe o pai com doçura,
Ao regressar da lavoura.

Dá na varanda oito e meia...
Levanta-se logo a moça,
Pondo os morins no baú;

Traz os preparos da ceia;
E, nas tigelas de louça,
Tomam café com beiju.

XVII

A criação satisfeita
Vai-se chegando ao poleiro;
Volta, suado e trigueiro,
O lavrador da colheita.

De cesto e traço roceiro,
Aquela mulher mal feita
Que o chale aos ombros ajeita,
Junta o café no terreiro;

E uma menina rosada
Recolhe a roupa lavada
De beira d'água... Entra o sol!

Pelo rafeiro seguido,
O campônio aborrecido
Desce ao riacho, de anzol.

XVIII

Naquela casa do morro
Mora a viúva com as filhas,
Três singelas maravilhas,
Pupilas de um preto fôrro.

Quando eu passo, êle, de gorro,
Colhendo à horta as ervilhas
Trepadas pelas forquilhas,
Faz sossegar o cachorro...

Elas vendo da ladeira
Com quem o Patusco ladra,
Vão me esperar na tronqueira;

E após um colóquio extenso,
Pedem-me versos em quadra
Para marcarem-me um lenço.

XIX

A casinha — o sol dobrando,
Projeta sombra na frente,
Onde o casal inocente
Está sorrindo e brincando.

Vai a menina cantando,
Medita o irmão... de repente
Safa-se aos pulos, contente
Como graúna de um bando.

Chega ao portal pequenino
A mãe, que a olhar, quase cai,
Soltando, pálida, um grito...

E' que o travêso menino
Com as chilenas do pai
Tenta montar no cabrito.

XX

As alegrias, desertas
 Daquele lar, desde quando!
 Hoje voltaram, entrando
 Pelas janelas abertas.

E, como pombas em bando,
 Rasteiras, brancas, espertas
 As raparigas vão certas
 Àquele sítio chegando.

Palmas lá dentro! E faz frio!
 Tiranas e desafio...
 Cá fora a lua descamba.

Aos rasgados da viola
 Quebra-se o corpo pachola
 Nos bamboleios do samba.

XXI

Homens e moças, crianças,
 Todos vêm fora, ao terreiro.
 Um dêles, chamando às dansas,
 Põe-se a rufar no pandeiro...

Principia a cantarola...
 Um camponês de unha adunca
 Ponteia alegre a viola.
 Faz um luar como nunca!

Salta um rapaz no fadinho;
 Uma mulher, de corpinho,
 Vem requebrando de lá;

E a meninada bizarra
Faz uma grande algazarra
Brincando o tempo-será.

XXII

Surge sereno e prazenteiro o dia,
Vai-se diluindo a transparência parda;
Entre os morros a luz, brincando, espia
Do camponês a rústica mansarda.

Freme o vergel, que plácido dormia,
E os jubilosos músicos aguarda...
Sacode a palma a trança úmida e fria
Dos suores da noite, e o sol não tarda!

Olhai para a cabana: uma donzela
Que as madeixas lustrais trança, de pé,
Do pequenino quarto abre a janela...

Nos braços leva a mãe o seu bebê
Ao jasmineiro em flor e, junto dela,
Uma menina ao velho traz café.

XXIII

Crepita a vela no quarto
Sôbre uma cômoda antiga;
No leito — uma rapariga
Geme com as dores do parto.

Aos pés inclina-se o espelho,
Pende do teto uma rede,
E, no frontal da parede,
Há um crucifixo velho.

Assiste-lhe outra pessoa,
A avó, de cabelos brancos,
Que a infeliz neta perdoa.

Mãe de Deus! É um maltrapilho
(Cedia a porta aos arrancos)
Toma nos braços o filho!

XXIV

A casa daquela gente
É branca como um jasmim!
Tem nas vidraças da frente
Forros azues de metim.

Quando o sol tingia o poente,
Vai de bengala ao jardim
Um velhote, impertinente,
De roupa clara, de brim.

Enxota os pintos e clama
Contra quem pisa na grama;
Xinga as crianças, cruel!

Por encontrá-las adiante
Pondo no lago ondulante
Embarcações de papel.

XXV

Na alcova sombria e quente,
Pobre de mais, se não erro,
Repousa um moço doente
Sobre uma cama de ferro.

Pede-lhe baixo, inclinada,
Sua mulher — que adormeça,
Em cuja perna curvada
Êle reclina a cabeça.

Vem uma loira figura
Com a colher da tintura,
Que êle recusa, num ai!

Mas o solícito anjinho
Diz-lhe com riso e carinho:
— Bebe que é doce, papai!

XXVI

O lampeão sôbre a mesa
Jorra o clarão na varanda;
Fora, o luar; meu pai anda
A apreciar-lhe a beleza...

Vêde que é nua: a pobreza
Fêz até lá propaganda;
E' minha mãe veneranda
Quem se deitou na marquesa.

Dormem-lhe aos pés três crianças,
Meus irmãos, três esperanças;
Chilram os grilos por cima...

Riem-se os dois namorados!
Eu, atento para os lados,
Beijo uma flor, minha prima.

XXVII

Fria, a sala. A noite, fora,
Traja o sendal de viúva;
E o vento que à porta chora
Borrifa os vidros de chuva.

Estão no sofá sentadas
Três senhoras; mais adiante
Duas moças enlaçadas
Correm os livros da estante.

Espraia-se a luz, em onda,
De um castiçal dos antigos
Sôbre uma mesa redonda,

Onde, de gorro e cachimbo,
Um velho com três amigos
Joga, em palestra, o marimbo.

XXVIII

Cheguei ao rancho, era tarde!
Disse ao dono, incontinente:
Careço que do sol quente
O vosso teto me guarde...

— Tire o selim do cavalo,
Que há de estar muito cansado...
Depois de tudo arrumado
Pus-me a fumar; que regalo!

Deram-me leite e farinha;
Mas ao guasca, antes do almôço,
Fêz a mulata um cochicho...

Chegando-me a garrafinha,
Diz-me ela assim: antes, moço,
De petiscar, mate o bicho!

XXIX

Depois do jantar, pequena
Volve a família ao terraço;
Brinca um pimpolho no braço
De uma criada morena.

Ali, de verdura amena
Descortina-se um pedaço;
Sente-se o débil mormaço
Da tarde clara e serena.

Lê um rapaz, distraído;
Sentam-se espôsa e marido
Saboreando o café...

A moça, a andar sem destino,
Faz para o irmão pequenino
Um babador de crochet.

XXX

Passeávamos cedo — eu, minha irmã
E a sua amiga, uma infeliz criança
Neta de um velho, ali, na vizinhança,
Órfã, talvez; chamavam-na Nhãnhã.

Quem mais sublime: a rosa da manhã
A se esfolhar no colo da bonança,
Ou ela, um silfo! a sua fronte mansa
Num lírio azul, a túnica de lã?

Foi numa dessas ocasiões que a ela
 Eu me animei dizer — amo-te, és bela...
 E minha irmã me interrompeu: Nhonhô,

Tu bem sabes que a órfã bem querida
 Vive dos pais saudosa, e, agradecida,
 Enxuga ainda as lágrimas do avô.

XXXI

Hera, musgo e parasita,
 Desde o muro ao patamar,
 Essa trindade exquisita
 Faz o encanto do teu lar.

Das janelas vê-se o mar
 Beijando a praia infinita...
 De tua casa bonita
 Veem-se — flôres no pomar,

Caramanchões pitorescos
 E os pombos nos arabescos
 Da frente de teu chalet;

Uma ave mansa e travêssa
 Quase pousa-te à cabeça
 Quando passeias a pé!

XXXII

Loiro galã — pelo lar
 Entra o sol, sem dizer nada,
 Alegre como a toada
 De uma canção popular.

A janela brinca um par
Sob o docel da latada;
Prêso, de um prego na entrada,
Põe-se o coleiro a cantar...

Pombos, pombas batem asa
Sôbre o telhado da casa;
Chamam de dentro — Iaiá...

Puxando-a pelas mãozinhas,
Diz-lhe o moço: Mariquinhas,
Vem temperar-nos o chá...

XXXIII

Já vem surgindo a manhã,
Tão bela manhã de Agosto,
Pois que a alegria do rosto
E' à dos ares irmã.

Na pradaria louçã
Cantam as aves por gôsto;
Nenhum sinal de desgôsto
Tem o lundú da aldeã!

Sôbre a casinha de palha,
Que honrada gente agasalha,
Manda-me o sol um "bom dia".

Abre a janela do quarto,
Que eu já de saudades farto
Trouxe-te um beijo, Maria!

XXXIV

Chega Lulú do colégio
 Rubro do sol, como um cardo:
 Calça e boné de brim pardo,
 Blusa do mesmo protege-o.

Entra, e nuns braços se some,
 Deixando òs livros na mesa.
 Voltara em fraldas, surpresa!
 Senta-se e diz: ai que fome!

E janta. O velho rafeiro
 Vem festejá-lo, com o cheiro;
 Lambe-o na face o gatinho.

A mãe, que os pratos ajunta,
 Aberto o livro, pergunta:
 — Que lição trazes, filhinho?

XXXV

Eu vejo de passagem,
 Daquela estrada à beira,
 Debaixo da figueira
 Vergando-se à ramagem,

A mãe, rústica imagem,
 Sentada numa esteira
 Ao longo da soleira
 De seu casal selvagem.

Ali — nada é desmancho:
 Passai, gentes, e vêde
 Aquêlê pobre rancho:

Ao lado da parede
Um galho verde e um gancho
Sustêm do filho a rede.

XXXVI

Domingo. A casa de palha
Abre as janelas ao sol;
Na horta o dono trabalha
Desde que veio o arrebol;

E a companheira, de grampo
No cabelo em caracol,
Na herva enxuta do campo
Estende um claro lençol....

No ribeiro cristalino
Bebem as aves; o sino
Chama os cristãos à matriz;

Entra a mulher... mas da porta
Fala, meiga, para a horta:
— Vamos à missa, Luiz?

XXXVII

Ave Maria!... Alma, escuta
Os ecos dos campanários
Como gênios solitários
Alevantados da gruta.

Da laranjeira impoluta
Nos florescentes cenários,
O dueto dos canários
As horas tardas enluta;

Horas de paz e fragrância,
Em que releio a cartilha
Dos hinos sacros da infância!

Diz minha mãe, que a partilha
De bênçãos faz, à distância:
— Deus te abençõe, minha filha!

XXXVIII

O casebre esburacado
E' pobre como senzala;
Tem mesmo o fogo na sala
E a picumã no telhado.

Habita-o o casal de pretos...
Vê-se no canto metido
Um oratório encardido
E atrás da porta uns gravetos.

Reina o silêncio. Anoitece.
Reza a mulher, de mãos postas
O dia a um santo oferece...

Entre as ingás bem dispostas
O proletário aparece
Com a ferramenta nas costas.

XXXIX

Levanta-se ela do leito
Logo ao romper da manhã,
Chegando aos ombros e ao peito
O chalezinho de lã...

Mas só a cama abandona
Depois do sinal da cruz,
Erguendo para a Madona
Os grandes olhos azues!

Enfia o pé na chinela
E vai abrir a janela;
Solta os cabelos e sai...

Faz aos irmãos muita festa;
E por um beijo na testa
Recebe a bênção do pai.

XL

Há umas noites violentas,
De muita agrura e sem brilho,
Que passam, como tormentas,
Pela alma de um pobre filho.

Não sei que nuvens são essas...
Aves sinistras! no entanto
Há um milhão de promessas
Na primavera que eu canto.

Quero esta luz de Setembro!
Mas eu, sombrio, me lembro...
Sombras de luto, passai!

Trazei-me, brisas de rosa,
A cantilena saudosa
Do belga exul de meu pai!

XLI

Nas noites de frio
Os astros chorando
E as folhas boiando
Nas águas do rio;

Da tépida aragem
O crebro farfalho
E o chôro de orvalho
Que cai da ramagem;

A ave em conchêgo
Na riba que escora
Tão lânguida flor;

Do rancho o sossêgo
E as trovas lá fora
Me falam de amor!...

XLII

Ergue-se a lua do nevoeiro escuro
Como noiva infeliz — úmida rosa!
E a flor da noite se entreabriu cheirosa
Sôbre as ameias pálidas do muro.

Vai doce ofêgo pelo campo fora,
Palor na praia, esmaios na lagoa;
Vago murmúrio perfumado voa...
Ou são queixumes e ais de alguém que chora

E' que o verso pueril de umas cantigas
Sai da bôca de ternas raparigas,
Tôdas sentadas ao redor da choça;

Vai sentar-se um rapaz no tamborete
A temperar o trêmulo machete,
Em lindas noites de luar, na roça!

XLIII

E' uma branca saleta
De tinhorões nas janelas;
Com o luar entram por elas
Auras de sonho e violeta;

Alta e pequena; repleta
De riso e sol, bagatelas!
Uma porção de aquarelas
Êsse El-Dorado completa.

Em meio da cantarola
Dos canários na gaiola,
Poeta sem saber como,

Metido em **chambre** de chita
Um moço à mesa da escrita
Rabisca, a lápis, um **cromo**.

XLIV

Vermelha, a alcova em que eu entro,
Com cortinados de cassa,
Cheia de prismas por dentro
Quando o sol bate à vidraça.

Tem murcho o "bouquet" num vaso
Do par que adorna o toilette;
E o espêlho, neste caso,
Cena mais linda reflete:

Dorme na cama francesa
 Com natural singeleza
 Loira mulher da Suíça;

Abre um rapaz estouvado
 As franjas do cortinado...
 Ela, a acordar, se espreguiça!

XLV

Entra do sol uma aresta
 Pela janela fronteira,
 Tendo a cortina modesta
 De festões de trepadeira.

Sôbre o banco de madeira
 O camponês dorme a sesta;
 De lenço branco na testa,
 Cose a mulher numa esteira.

Um beija-flor esvoaça...
 Sai do fogão moribundo
 Uma espiral de fumaça...

De vestido ao tornozelo,
 A moça que vem do fundo
 Traz uma flor no cabelo!

XLVI

Naquele quarto forrado
 Há duas redes e um leito,
 Onde um moço está deitado
 — Livro aberto sôbre o peito —

Pobrementemente amortalhado
O estudante de direito
Num camisolo encarnado,
De ramos brancos e estreito

Apesar da vela acêsa,
Uma sombria tristeza
Paira ali dentro... Qualquer

Sente, ao primeiro momento,
Naquele frio aposento
A falta de uma mulher.

XLVII

Desfruta por bom costume
Um rapaz, naquela casa,
A vida de uma ave implume
Sob o carinho de uma asa.

Panela a tempo no lume
Que de tão farta transvasa;
Envolve tudo o perfume
De umas resinas em braza.

E que adorável pobreza!
Na táboa limpa da mesa
A louça enxuta e o talher...

Um quê de alegre e tranqüilo;
Percebe-se em tudo aquilo
O dedo de uma mulher.

XLVIII

Quando vai sair da sala,
Para negócios, à rua,
Vê-se tonto o avô e sua...
Rancho de netos lhe fala.

E, ao pegar-lhe na bengala
Uma pequena alva e nua,
Promete (e nisto recua)
Trazer-lhe biscoito e bala.

Para safar-se com astúcia
Do meio daquela súcia
Ruidosa e loira, vê pancas!

Mas não vê, que cego é êle!
Os dedos sujos daquele
Mancharem-lhe as calças brancas!

XLIX

A sua casa de pinho
E' clara, pequena e limpa;
Anda um tiê a fazer ninho
De um angelim pela grimpá.

Ela, gorducha e rosada,
Senta-se cedo ao trabalho,
Com a merenda temperada
Sôbre o calor do borralho.

Sômente o dedal faz bulha...
E' um gôsto, nesse instante,
Vê-la a puxar pela agulha,

Eu entro... ela ri-se e cora.
E' que apanhei-a em flagrante
Com os tornozelos de fora.

L

Fui ao quarto: intermitente
Projetava a lamparina
Uma luz verde, mofina,
Sôbre as feições do doente.

Como cintila divina,
O seu olhar de demente
Ia pousar frouxamente
Numa chorosa menina.

Depois, à imagem de Cristo
Volve a cabeça e diz isto
Com lentidão: "mundo, mundo..."

E o Cristo, nu, lacrimoso
Descia o olhar piedoso
Àquele pai moribundo.

LI

Abre-se ao romper do dia
A porta do novo templo,
E, num belíssimo exemplo,
A trabalhar principia

A classe bendita e honesta
Dos queimados proletários;
Às vêzes, dos operários
Corre o suor pela testa...

Há pela fábrica o ar morno,
O tom violento, amarelo,
Da incandescência do forno...

Quem quiser entre e perlustre-a:
Parece a voz do martelo
Elevar hinos à Indústria.

LII

Curiosa, tôda gente
Mira um par nestas alturas.
Que fazem pelo sol quente
Tão fidalgas criaturas?

Esbeltos, pela cintura
Enlaçados docemente,
Vão êles, de galgo à frente,
Entre o verdor das culturas;

O senhor, de traje leve,
E a dona, tôda de neve,
Incertos ante o riacho...

Viver assim como é belo!
Cabeças juntas, debaixo
De um para-sol amarelo!

LIII

“Dorme, dorme, meu filhinho,
“Não chores, oh! meu amor...
Macios como um arminho,
Fragrantes qual uma flor,

Eram os versos sem côr,
Cheios de mágua e carinho,
Como o arrulho carpidor
Da pomba-rôla sem ninho.

Ia-os a mãe entoando
Alta noite, acalentando
Seu alvo e loiro penhor...

E acabava semi-morta:
"A faca que muito corta
"Dá fundo golpe sem dor!

LIV

Quando amanhece, a mucama
Traz-lhe o café na bandeja;
Ela inda rola e boceja
Sôbre as alvuras da cama.

A lamparina derrama
Lácteo clarão, que branqueja
(Seja indiscreta ou não seja)
As formas nuas da dama.

O cachorrinho felpudo
Dorme-lhe aos pés, encolhido
Sôbre um basquim de veludo;

Senta-se a loira Frinéia...
E arqueia o dorso despido,
Pedindo um beijo à Tetéia.

LV

O mesmo teto os abriga,
 Casal de primos. O moço,
 À mesa, depois do almoço,
 Vê coser a sapariga.

E dá-se o mesmo alvoroço
 Do sangue, na cena antiga:
 Um beijo na fronte amiga
 E os braços sôbre o pescoço,

Quando entra alguém na varanda!
 Êle volta-se de banda,
 Ela, corada, disfarça

E põe-se, com faceirice,
 A bordar uma tolice
 No pano de talagarça:

LVI

Neste chalé principesco
 Velado de persianas,
 Moram, há duas semanas,
 Dois casadinhos de fresco.

Pelas ruas suburbanas,
 Sôzinho, madrigalesco,
 Anda o casal romanesco
 Como senhor de cabanas.

Encontro-o pelos caminhos
 Tirando flôres e ninhos,
 A pé vagaroso e bambo...

E vão os dois não sei onde!
O moço parece um conde,
A moça parece um jambo!

LVII

Entremos nas oficinas,
O alegre lar do trabalho,
Onde até frágeis meninas
Encontram doce agasalho.

Esta, de um simples retalho,
Faz coisas lindas e finas;
Outra ao papel, talho a talho,
Tira um pendão de boninas.

À mesa trabalham umas
Em palha, cabelo e plumas,
Com invejável afã;

Invade todo o recinto,
Que a largos traços eu pinto,
A grande luz da manhã!

LVIII

Cheguei ao lar, que alegria!
Que doudejante esperança!
Cá fora — a mesma bonança,
O mesmo sol de outro dia.

Mas quando entrei... que mudança!
Três anos... Quem tal diria?
Quase ninguém conhecia
A peregrina oriança.

— Como estou velho! Estou morto!
Disse-me alguém, repetindo:

— Podia eu ser seu avô...

— Ora vejam! Torna absorto.
Concluíam todos, rindo:

— Como está grande o nhonhô!

LIX

Lembro-me bem: certo dia
Fui por alguém convidado
Para um jantar de noivado
Em casa de minha tia.

Aceitei. Na mesa havia
Muitos convivas; ao lado
Da noiva, o noivo sentado
Todo feliz; eu dizia,

Erguendo o copo: "Senhores,
Sôbre a noiva a Divindade
Derrame graças e flôres..."

Mas eu te confesso, prima,
Que era só minha vontade
Deitar-te vinho por cima!

LX

Quando vou àquela casa
Fazem-me entrar na varanda;
A filha, a quem arrasto a asa,
O lampeão trazer manda.

A mãe, mulher veneranda,
Para uma bisca me empraça,
E em gargalhadas desanda
Quando me corta uma vasa.

O pai, um calvo jarreta,
De suspensório e jaqueta,
Ri-se também da proeza...

De disfarçada maneira,
Vão meus pés e os da parceira
Falando em baixo da mesa...

LXI

Em tórno à mesa: eu, a viúva
E as duas filhas de luto.
São nove da noite; a chuva
Rufar nos vidros escuto.

Elas puxando da agulha,
Pelo temor de um sequestro;
Eu, fazendo muita bulha,
Corro os jornais e palestro.

A escandalosa noticia
De dois noivos na polícia
Encontro e leio-a, solene...

Olha-me a viúva, de esguelha...
E aumenta a flama vermelha
No globo de querosene.

LXII

Retirada, esconsa e morta
A casa de minha prima;
Floresce de baixo a cima
O jasmineiro da porta.

Mas os canários exorta
O viço de um pé de lima,
Que, de pesado, se arrima
Aos moirões secos da horta.

De tarde cose à janela
Para, às horas do costume,
Ver-me apontar na cancela...

Guarda-me figos, ameixas;
E, trescalando a perfume,
O bogari das madeixas.

LXIII

Arde na frente da casa
Uma animada fogueira;
Levanta-se ígnea poeira
Dos grossos toros em braza.

E' noite de Santo Antônio
Naquele lar festejado;
As raparigas no fado
São tentações do demônio!

Palmas, vivas e foguetes.
De madrugada a folia
Põe-se, ruidosa, a cavalo...

Pelo caminho os machetes
Largam saudosa harmonia...
Além, além, canta o galo!

LXIV

Na cadeira de balanço
Da sala morna e sombria,
Em posição de descanso
Senhora a ler passa o dia.

Tudo ali dentro é tão manso,
Tão tranqüilo! que dir-se-ia
Pairar em tórno o remanso
De uma choupana vazia...

Frizam-lhe a paz preguiçosa
Um ténue rumor infindo,
Como o de asas de um besouro,

E essá figura arminosa
Do Angorá branco, dormindo
Sôbre a poltrona de couro...

LXV

— Pois é aqui nosso rancho,
Disse, mandando sentar-me;
E depois, com grande alarme,
Botando a rede no gancho,

Gritou, lá para a cozinha,
Que o café do meio-dia
A sua boa Maria
Mandado à sala não tinha...

E o trouxe em duas tigelas,
Das três filhas uma delas,
De ar faceiroso e pretenso...

“Deus salve, moço...” mais nada!
E rindo, tôda corada,
Mordia a ponta do lenço!

LXVI

“Viola, minha viola,
“Viola do coração,
Cantava um **cabra** pachola,
Tocando numa função.

Puxam fieira à castanhola,
Batendo com os pés no chão...
E o fado se desenrola
Na noite de S. João.

Pra pá pá... Cresce a alegria
Depois das palmas... Agora,
Com pausada entonação,

O trovador concluia:
“Viola que geme e chora
“Debaixo da minha mão!

FIGURAS

DONGA

A sombra de uma palmeira
No fundo claro de um rio
Tem a aparência ligeira
Daquele todo sombrio.

Possue o peito vazio
Das afeições, de maneira
A ter no olhar vago e frio
Umaz tristezas de freira.

Pálida, magra e tão débil
Que parece uma doente,
Exausta, chorosa, flébil...

Pálpebras fundas, escuras,
Coando a lágrima quente
De umas perdidas venturas!

NINA

Tão bela pode que exista,
Mais provocante não há!
O sonho de um panteista,
A perdição de um pachá.

Luze-lhe o raio da vista
Como o alfange de um rajá,
E vibra a nota de artista
Em tôda parte onde está.

E' branca, mais que o luar!
Cabelos fartos, castanhos,
Olhos que lembram o mar...

Raio travêso de luz
Irradiando um rebanho
De fantasias azues!

ANJINHA

Há um mistério travêso
Naquelas negras pupilas;
Delicadezas de gêsso
Nas suas feições tranqüilas.

E' sempre o olhar que nos lança
Moroso, súplice e bambo;
Tem vagalumes na trança,
Na pele coisas do jambo.

Dêsse ideal que ainda encanta,
Como a imagem de uma santa
Cercada de um resplendor...

Daquele corpo tressua
Um certo vago de lua,
Com um leve aroma de flor...

COTINHA

Muito triste e delicada!
Suponham, para ideá-la,
Uma camélia dobrada
Sôbre uma jarra da sala.

Vive cismando e, por nada,
Tôda estremece e não fala!
Anda aquela alma de Atala
De funda mágua ralada.

Adora o piano, que as notas,
Como saudosas gaivotas,
Alam-se às plagas marinhas...

Ah! Deus queira a nau que sondas
No plaino glauco das ondas
Traga-te o riso que tinhas!

XANDOCA

Corpo delgado e franzino
Como o lírio do caminho
Que vergasse, de tão fino,
Ao pêso de um passarinho.

Canário que solta um trino
Entre as pelúcias do ninho...
Olhar manso e cristalino,
Alvuras frescas de linho.

Rosetas vivas na face,
Lábios fechados, vermelhos
Como cravina que nasce...

Mãos finas, unhas rosadas,
Pequenos pés sem artelhos,
Tranças ao ombro atiradas!

NENÊZINHA

Moçoila de saia curta
Com ares de senhorita;
Borboleta que volita
Por sôbre flôres de murta.

E' de uma graça infinita,
Quando os seus vôos encurta:
De cada rosa então furta
O encanto que nela habita.

Olhar de boa malícia;
Como que um sonho navega
Naquele mar de delícia...

Ave medindo o caminho,
Mas que nas plumas carrega
Ainda o aroma do ninho.

VOVÓ

Dorme, infeliz criatura!
Depois da luta é bem doce...
Talvez a vida te fôsse
Uma perene amargura.

Não é longe a sepultura,
Nem foi teu sono precoce;
Se o teu olhar apagou-se,
Uma lembrança perdura...

E lá, na Presença Augusta,
A mim a bênção renova,
Que a tua bênção não custa...

Tenho lágrimas na trova,
Depois que a imagem vetusta
Tombou de um século à cova!

CAROLA

Coração de favo e nardo,
Alma de estrêla e neblina,
Rócio em cálix de bonina,
Onda azul que amaina o cardo.

Luar sonâmbulo e tardo,
Íris de luz peregrina,
Nascida em plaga divina,
Aureola a fronte do bardo!

Ave, que ao éter se exalça,
Beijando o ninho da balsa
Onde pipila... Jesus!

Vive de aromas e orvalhos;
Oscila o corpo nos galhos,
Suspende as plumas à luz.

VIOLETA

A sua linda pessoa
Ressumbra lírio e virtude;
Tem nos olhos a quietude
De uma profunda lagoa.

Calma, simpática e boa
Como os sons de um alaúde;
Dois mirtos da juventude
A mesta fronte coroa

Das paisagens pitorescas,
Um belo e fiel modêlo
De castelãs romanescas,

Pintando-a de cesta ao braço,
Madressilvas no cabelo,
Bordando no seu terraço.

ANA

Um sonho vago, brilhante,
Um devaneio qualquer,
Não falam bem do semblante,
Da graça desta mulher.

E' fragrância inebriante,
Num íris de rosicler;
Qualquer coisa deslumbrante
Com o coração de mulher.

Eu bebi, raio sedento,
Os teus aljofres, oh! flor!
Numa ilusão de momento...

Como lágrimas de amor,
Gotejam no meu tormento
Os teus aljofres, oh! flor!

NHANHA

Cabelos com lantejoulas,
Como uma noite estrelada;
A bela fronte banhada
Na dúbia luz das papoulas.

Tem semelhança com as rôlas
De pelúcia acaboclada,
Que bebem, de madrugada,
O róseo mel das caçoulas.

Traçando a curva opulenta,
O seio, que, prêso, estua,
Quase o corpinho rebenta...

De carnação florescente;
Ama as janelas da rua
E um rapazola doente.

SINHÁ

Fria estátua do abandono!
Inspiras trovas e pena;
Nasceste, moça morena,
Para os veludos de um trono.

Tens, vaporosa e serena,
As nostalgias do outono;
Nesse olhar, que pede e ordena,
Boia o fantasma do Sono!

Cismando, tuas mãos frias
São duas asas esguias
Entorpecidas no queixo...

Ao vago som que proferes
Solto o meu beijo, e não queres!
Quando quiseres, não deixo!

MADAME

E' o teu sorriso uma aurora
De cristalino sonido;
A bôca — figo partido,
Que mel e aroma dissora.

São teus olhares assombros
De incandescente Vesúvio:
Desatam sôbre meus ombros
Lúcido e quente dilúvio.

São teus pèsinhos o metro
Dos bazares do meu plectro,
Para medir sonetinhos;

E hás de calçar muitas vêzes
Nesses dois *mignons* franceses
O borzeguim de teus filhos.

"BABY"

Fina e loira como um talo
Do melhor trigo maduro;
Do azul celeste mais puro
São os olhos de quem falo.

Quero prismáticas bolhas
Para ideá-la, e não acho;
Titilações de riacho
Com rumorejo de folhas...

"Miss" delicada, e tão alva
Como um botão de limeira
Sôbre uma fôlha de malva;

Risos francos de alvorada,
Presos à graça ligeira
De uma menina estouvada!

LULU'

Da coma brilhante e fina
Descem-lhe cachos à testa;
Muito delgada e franzina,
Mais senhoril que modesta.

Ruidosa, alegre e traquina
Nas expansões de uma festa:
Há sempre um quê de menina
Numa mulher como esta.

Paixão por flôres e fitas;
Vem ao salão de visitas
Com um malmequer no decote.

E, para mostrar êsse anjo
Que não dá corda a marmanjo,
Pregou ao noivo calote!

ZIZINHA

Lembra uma flor indiana
De emanção capitosa;
Estranha e brava liana,
Bela, porém venenosa.

Ares e olhos de cigana,
Côr verde-mar sulfurosa,
De cujo foco espadana
Certa luz tempestuosa...

Polpuda e quase escarlate,
A bôca — ninho de estrêlas —
Realça em moreno mate;

E' de, quando ao gênio ardente
Fulge o raio das procelas,
Fazer tremer tôda gente!

FACEIRA

Não sei que magia existe
No rosto desta menina,
Pois tem no olhar meigo e triste
Uma expressão que fascina.

Nas suas faces persiste
A palidez da bonina,
Que, se a enchente resiste,
Torna-se branca e mofina.

Sacra beleza de um cântico;
Ar pensativo e romântico
E um certo quê de senhora...

Corpo mimoso, e trabalha!
Sorriso manso, e retalha!
Sofre, talvez, e não chora!

NENÊ

Dia, em rosadas quermesses,
Rompendo no áureo horizonte,
Com cigarras pelas fontes
E passarinhos nas messes.

Dá que a bôca virgem conte
Os bons conselhos e as preces
Com que, resando, adormeces
A um beijo de mãe na fronte.

E não, oh! pomba travêssa!
Histórias de namorados
Que te andam pela cabeça...

Mas és criança e não pecas:
— Vamos lá ver teus bordados,
Mostra-me as tuas bonecas!...

DUDU'

Silfo que voa e revoa
Por cima das açucenas;
Iria-lhe as áureas penas
A luz do sol que se escoa...

São quatorze anos a toa!
Travessos — como falenas,
Viçosos — como verbenas,
Tranqüilos — como lagoa.

Os olhos — de fogo e lua,
O corpo — de lírio branco,
A bôca — de romã crua;

E ela sorrindo — ora, bravo!
Atira a bala no flanco
Do rei das flôres, o cravo!

ANTONICA

Na palidez doentia
 Daquela face morena
 Vê-se que o mal de um só dia
 Tôda uma vida condena.

Fronte elegante e serena,
 Sem expressões de alegria:
 Traços doces de Maria,
 Com erros de Madalena.

Ilude. Se a noite tomba,
 Tem essa pálida rosa
 Retraimentos de pomba;

Quebrou o leque das asas
 Numa queda dolorosa
 Sôbre um terreno de brazas!

MANA

Pálido rosto, acusado
 Na cabeleira opulenta,
 Como um astro que rebenta
 No firmamento nublado.

Olhar manso e sossegado,
 — Vôo de pomba que assenta...
 Bôca trêmula e sedenta
 Aberta ao riso engraçado.

Esguio tronco, elegante,
 De palmeira triunfante
 Nos arrebóis da manhã...

Salgueiro do teu jazigo,
 Aqui plantei-me, e, comigo,
 Muitas saudades, irmã!

O CANÁRIO

I

Na choupana de um velho proletário,
Entre a ramagem múrmure e sombria
De virente pomar,
Apresentando um rústico cenário:
Às vêzes em fragrante eflorescência,
Vistoso e a balouçar,
Outras — de fruto
Os ramos a pender no solo bruto,
Como quem cai em lânguida dormência,
Cantava todo o dia
Um aflautado e trêmulo canário.

II

Quem toma, acaso, a travessia curta
Daquele sítio, esmeraldino prado
De rescendente murta
E bananeira agreste, que a fragrância
Percebe-se à distância
Do cachopo escarlata e azul-ferrete,
Na ribanceira hirsuta, entre gungis,
Que marchetam selvático tapete,
Escuta-o, embevecido,
Sentado ao cepo do indaiá partido
Do ribeirão ao lado,
E mais, mais retirado,
O barulho de ariscas juritis.

III

No caminho há festões de escura sombra,
 Com mil flôres em cacho;
 E a água do riacho,
 Que à superfície é como um claro espelho,
 Atravessando o leito do caminho
 Vai se esconder nos côncavos da alfombra
 Da chácara do velho.
 Tão mole escorre e rumoreja a fonte
 Por debaixo da ponte,
 Que a descansar convida-nos baixinho...

IV

Tão fresca que ela é! Tons anilados
 Na profundez escura e transparente
 Da múrmure corrente;
 Uma pétala curva, a flor de lima,
 A fôlha verde e limpa do arvoredado
 Em delíquio e brinquedo
 Escorregando vai...
 E' um barquinho frágil que se anima...
 Some-se! a gente espera:
 Dentre a sombra fantástica dos matos
 A veia d'água sai,
 A deslizar-se-lhe, outra vez, por cima,
 Talvez... uma quimera!
 Talvez que a pluma branca, alva, dos patos,
 Como uma nuvem na azulada esfera!

V

E é tempo. O caminheiro o ponche enrola,
 Depois que, o sol medindo, se levanta
 Para seguir viagem.
 Mas o canário canta

No grubapê flexível da gaiola
Ao lado do oitão

Da sombria choupana, alegre, entanto,
Por trás dos ramos da limeira — oculta,
Ao doce requebrar daquele canto,
— Silvestre idílio de uma letra inculta —
Mas filho e pai entendem-lhe a linguagem,
Como a bradar — coragem!!

VI

Tinha um filho pequeno o proletário.
Era o gentil e trêfego Joãozinho,
Fruto do seu amor. No seu caminho
Da vida transitória
Achara uma consorte e, solitário,
Deitava luto em si, dela em memória.
Agora viúvo e pobre,
E triste como um funerário dobre,
Ama o pequeno e dá-lhe bons conselhos,
Quando assentado o tem sôbre os joelhos.

VII

Mandava o filho de manhã à escola.

VIII

O que a êste entretinha era a gaiola,
De grubapê e cana,
Dependurada ao caibro da choupana,
Onde cantava alegre o seu canário.
Era um pássaro belo,
Pequenino, gentil, todo amarelo!

Quando voltava do arraial, sòzinho,
 Com o cajado ao ombro,
 Sem mostras de temor, sequer de assombro,
 Pelo deserto e rústico caminho;
 Na bolsa os livros, o calçado à mão,
 Calça ao joelho, em desafio ao chão,
 Despida a jaquetinha, o peito aberto,
 Cantando uma cantiga
 De sertanejo e antiga
 E do velho casebre já bem perto,
 Conhecia o canário a voz do amigo
 E punha-se a cantar, cantar, cantar,
 Com a cabecinha junto do postigo...
 O menino corria pressuroso,
 Mal chegava no lar,
 Do seu canário à rústica prisão...
 Nadava em pranto o carinhoso olhar!
 De júbilo, coitado!
 E acariciava-o tanto,
 Que o passarinho transformava o canto
 Em torrente de célere trinado!

X

Embora a fronte branca e veneranda
 Do trêmulo ancião
 Pousasse, acabrunhada, sôbre a mão
 Trigueira e descarnada,
 Assim como quem anda
 A imaginar a morte muito perto,
 Êle sorria sempre, — rir incerto!
 Dando ao semblante uma expressão, um brilho,
 Como luz de relâmpago em sudário,

Ao infantil espírito do filho,
Ao requebro mavioso do canário!
Tanto que, se achava na gaiola
Mudo e arrepiado,
Quando voltava do labor diário,
Ia chorar o velho na viola
Um lânguido estribilho...
E o bom cantor erguia o bico aberto!
Melancólico, então, era o concêrto!

Depois de uma orfandade,
De álgida e lutulenta viuvez,
Estava a f'licidade,
A alegria do albergue solitário,
Do bom filho, do honrado proletário,
Em rústica prisão de grubapês.